#### FREI RAÚL DE ALMEIDA ROLO, O.P.

# VENERÁVEL D. FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES

# O "ARCEBISPO SANTO"



1957
[Revisão em 2014]

### **NOTA PRÉVIA**

"O último e principal biógrafo bartolomeano" – assim se referia, no passado dia 10 de Julho de 2014, em sessão realizada na Academia das Ciências em Lisboa, o Prof. Artur Anselmo àquele que "em vida se chamou Frei Raúl de Almeida Rolo". Foi esta figura simples, austera, quase apagada e ingénua que, já nos recuados anos oitenta, introduziu muitos de nós na veneração da figura de Bartolomeu dos Mártires quando, já na etapa final dos seus estudos sobre a vida e obra do agora Bem-Aventurado Bartolomeu dos Mártires, passou várias temporadas em Viana do Castelo.

Mesmo que esta pequena biografia do *Bracarense* anteceda a maior e mais significativa publicação da colossal obra que Frei Raúl deu à estampa, a partir dos primeiros contactos com os manuscritos bartolomeanos, já aqui encontramos aquilo que, com maior rigor histórico, se pode dizer acerca do seu biografado. De facto, não temos aqui a dimensão romanceada e marcadamente apologética de Frei Luís de Sousa na sua Vida do Arcebispo, como não nos deparamos com a visão polémica e um tanto enviesada da figura "puramente humana" de Frei Bartolomeu, pintada pelo vianense José Caldas, já então contestado por Camilo com a sua mordacidade típica; também não temos aqui o humor de Aquilino Ribeiro que vai contando a história de um bonacheirão Dom Frei Bertolameu, calcorreando a passo acelerado as veredas das montanhas do Gerês para desespero dos extenuados acompanhantes, ou a velocidade da mula Águia no regresso de Roma a Trento; menos ainda temos o tom oratório de Mons. José de Castro, o feliz descobridor do Decreto cuja publicação o Papa Gregório XVI ordenara já em 23 de Março de 1845, reconhecendo oficialmente as virtudes heroicas do Servo de Deus, que, a partir de então este autor se orgulhava de apresentar como Venerável, em primeiríssima mão.1

1 MONS. JOSÉ DE CASTRO, D. Frei Bartolomeu dos Mártires e outros escritos sobre o Venerável, Presbyterium, Bragança, 2014. Este Decreto esteve perdido, ignorando-se mesmo a sua existência durante um século, de 1845 a 1845. Foi durante as suas investigações sobre os portugueses no Concílio de Trento com que elaborou uma obra monumental que este deparou com a surpresa da descoberta, tal como conta na obra aqui referida.

O contacto que, por diversas vezes e pelos mais variados motivos, tive que manter com algumas das obras de Frei Bartolomeu, as suas intervenções no Concílio de Trento ou as démarches do notável e corajoso Arcebispo no Concílio Provincial de Braga e perante os seus cónegos, ajudou a crescer a semente outrora semeada por Frei Raúl, mas esquecida no meio das pedras de outros afazeres, eventualmente abafada pelos espinhos de alguma insensibilidade, mas não comida pelos pássaros da indiferença. Do Estímulo dos Pastores lido e relido, ao Catecismo, da constatação da sua acção social ou da formação e acção intelectual, cotejando mesmo os seis colossos dos Escritos Teológicos, não sem passar pelo Compendio de Doutrina Espiritual, tudo ajudou a reler agora esta *Vida* do Bem-Aventurado Bartolomeu dos Mártires numa perspectiva mais atenta e cuidada, a partir do livrinho que agora propomos, em moderna forma, como aperitivo para uns, como prato forte para aqueles que não poderão ir mais longe, como sobremesa para os já conhecedores da figura e da obra do Santo Arcebispo.

Gostaríamos de manter a fidelidade ao texto original de Frei Raúl, apesar da tentação de rever alguma coisa aqui, acrescentar um pormenor ali. Por isso não fomos mais longe que uma mera correcção de algumas gralhas, uns retoques na pontuação, algumas dicas e notas de rodapé, enfim, nada de especial. Assim, face ao contexto das Comemorações Centenárias em que esta singela iniciativa de facilitar uma biografia breve e séria se insere, como face a alguns dados que entretanto foram sendo facultados, não deixámos de acrescentar breves apontamentos no sentido de, eventualmente, aguçarmos o apetite ou estimularmos a curiosidade dos nossos leitores para um mais profundo conhecimento e estima da figura ímpar que foi Bartolomeu dos Mártires. Um homem que "não conformado com este mundo", "ardeu" intensamente aquecendo as sessões da última etapa do Concílio de Trento, espalhou ou seu fogo pelas mais de mil e duzentas paróquias da Diocese de Braga [com Viana do Castelo, Vila Real e grande parte de Bragança] e continua a "iluminar" a Igreja de hoje, com uma

chama agora particularmente espevitada pela "originalidade" do Papa Francisco. Escrevo entre aspas porque, depois de se conhecer a vida e acção de Frei Bartolomeu e de ler os seus escritos, se pode ver que há mais de quatrocentos anos já alguém tinha as ideias apregoadas agora por tantos como surpreendentemente originais...

E todos nós sabemos o quanto isso lhe custou...

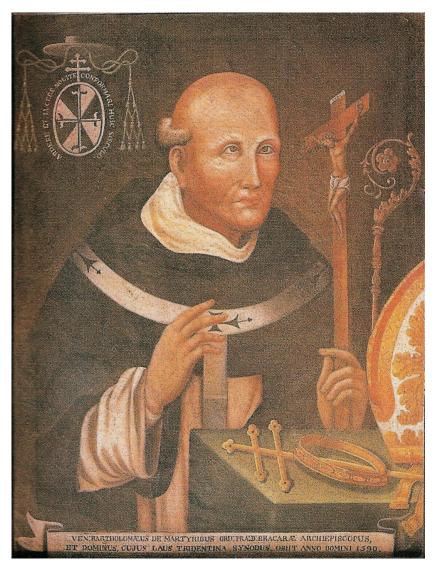
Viana do Castelo, 17 de Setembro de 2014 P. Jorge Alves Barbosa





# VENERÁVEL D. FREI BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES

## O "ARCEBISPO SANTO"



No ano de 1945 acendeu-se um fogo novo à volta de uma das mais prestigiosas figuras de homem e de santo que Portugal deu à humanidade e à Santa Igreja: o Venerável D. Frei Bartolomeu doa Mártires.

Um Investigador de renome, Mons. José de Castro, encontrou em Roma um Decreto da Sagrada Congregação dos Ritos declarando a heroicidade das suas virtudes. Foi providencial esta descoberta, pois fazia precisamente um século da sua promulgação. As circunstâncias religiosas e políticas do tempo dessa notável promulgação eram adversas e fizeram passar o facto sem o realce merecido. Assim não sucedeu agora quando esse mesmo Decreto, foi arrancado à sombra do esquecimento. Quando Mons. José de Castro se empenhou em ser "carrilhão da glória de Frei Bartolomeu", Portugal caiu de joelhos e levantou o coração a Deus a pedir os milagres necessários para a glorificação sobre os altares daquele que em vida foi por todos considerado e altamente proclamado "SANTO": livros, conferências, revistas e jornais, novenas e preces têm levado a todos os cantos de Portugal a notícia, o conhecimento e a devoção do grande Servo de Deus que foi o Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires.

#### Trajectórias de uma vida

Nasceu o Venerável Bartolomeu dos Mártires em Lisboa, a 3 de Maio de 1514, com o nome familiar de Bartolomeu Fernandes, a que depois acrescentaria "do Vale". Bem cedo sentiu o chamamento de Deus a uma vida mais perfeita, nomeadamente quando, na ida para a escola, acompanhava o seu avô já cego para a Igreja de Nossa Senhora dos Mártires, atravessando o actual Chiado. A sensibilidade particular daquele "menino dos olhos tortos" como era reconhecido e as orações do avô que o confiava aos cuidados maternais de Maria, orando enquanto o pequeno recebia as lições de gramática, haveriam de lançar os alicerces de uma personalidade marcante e de uma vocação religiosa. Por isso mesmo, cedo se deslocou ao convento de S. Domingos de Benfica, no dia de São

Martinho de 1528, onde se confrontou com a oposição e as dúvidas do respectivo Prior, espantado com a vontade daquele adolescente em seguir a vida de austeridade própria da ordem dominicana. Deveria então preparar-se para: abstinência perpétua, jejuns prolongados, vigílias frequentes, grande pobreza no vestir, limitações no dormir, tudo propostas capazes de quebrar as naturezas mais robustas quanto mais a de um adolescente de 14 anos.

Perante esta desafiadora proposta, respondeu: "Padre, trabalhos busco e aborreço mimos; por fugir de mimos que me sobejam e provar trabalhos que desejo e sei que para a salvação me são necessários, busco a vida religiosa. Não temo esses, nem me assustam outros maiores, porque que não há corpo fraco onde o coração é forte". E aqui se definia o seu verdadeiro programa de vida, um programa que o haveria de marcar até ao fim dos seus dias.

Veio, por isso, a fazer a sua profissão dominicana no ano seguinte, a 20 de Novembro, mantendo o nome de Batismo e acrescentando "do Vale" em memória do seu avô, que depois mudaria para "dos Mártires" por devoção à padroeira da sua paróquia. Frei Bartolomeu dos Mártires distinguiu-se desde o princípio pela piedade e talento. A carreira dos seus estudos – que se estendeu de 1529 a 1537 – foi brilhante e os superiores distinguiram-no com a inscrição entre os alunos do colégio universitário que El-Rei D. Manuel fundara no convento de S. Domingos, sob o Patrocínio de São Tomás de Aquino.

Em Setembro de 1537, passou Frei Bartolomeu o exame de Leitor de Artes e Teologia, ficando a leccionar Filosofia no mesmo colégio onde acabava de ser aluno. Daí passou ao Mosteiro da Batalha para reger essa mesma cátedra, nos estudos gerais que a Ordem de S. Domingos aí criou em 1540. Foi neste grande mosteiro que ele acabou de temperar a sua alma no saber profundo e virtude sólida, apanágio da sua acção extraordinária na Igreja de Deus.

Por volta de 1542 já D. Frei Bartolomeu passara da cátedra de Filosofia à de Teologia, a qual lhe absorveu o resto da sua longa vida de professor. Durante catorze anos consecutivos a Teologia foi

a grande preocupação da sua alma. Os volumosos códices das suas notas doutrinais, ainda hoje conservados, dão pleno testemunho de grande saber, da profundidade do seu espírito e da inflamada unção com que explicava os mistérios de Deus. Em 1545, o Rei D. João III passou um alvará declarando as aulas de D. Frei Bartolomeu, dadas na Batalha, válidas para o grau de Licenciatura em Teologia, como se tivessem sido dadas numa universidade pública. O seu prestígio de grande saber acrescentou-se cada vez mais, a ponto de o Capítulo da Província de S. Domingos de Portugal o propor para o grau de Mestre em Teologia ao Capítulo Geral que a Ordem ia reunir em 1551 na cidade de Salamanca. D. Frei Bartolomeu foi, e as suas provas de grande teólogo, dadas no Capítulo, foram tão brilhantes, que o título de Mestre² lhe foi concedido, no meio dos maiores elogios: "suficiência de doutrina e destreza de engenho".

Regressando a Portugal, continuou como professor no Mosteiro da Batalha até que, em 1552, foi para Évora a convite do Príncipe D. Luís, para ser o mestre de seu filho D. António, futuro Prior do Crato. A chegada do famoso mestre foi celebrada com entusiasmo, elevando imediatamente o nível dos estudos, a ponto de os Padres Jesuítas, que assistiam também a essas aulas, escreverem para Roma a Santo Inácio dizendo que "com um mestre que agora nos veio de novo, homem muito douto, da Ordem de S. Domingos, se melhoraram muito os estudos".

# "Contemplata aliis tradere" [ transmitir aos outros as coisas contempladas ]

O Venerável Bartolomeu dos Mártires, alma de perfeito Dominicano, nunca deixou de dar aos seus estudos e ensinamentos uma feição apostólica. Juntamente com o diploma de professor, foi-lhe dada a faculdade de pregador e, nos seus escritos, encontram-se frequentes vestígios da sua actividade apostólica directa junto das almas. Sabemos que trazia sempre escrito num pequenino caderno: "De estudo sem devoção e de pregação sem preceder oração pouco proveito se pode esperar". No seu ensino, ora explica abreviadamente a matéria, "porque não há tempo para a expor

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> O grau académico de Mestre corresponde ao actual título de *Doutor em Teologia*, conferido no dia 17 de Maio de 1551 nesse Capítulo Geral da Ordem Dominicana em Salamanca.

artigo por artigo" como ele próprio confessa, ora faz uma citação de cor sem tempo de ir conferir o lugar exacto, remetendo os alunos "ao 3.º ou 4.º artigo", de determinada questão da Suma Theologica de São Tomás de Aquino.<sup>3</sup> Ao chegar à doutrina sobre o pecado original, confessa mais expressamente que toca apenas algumas dificuldades, e brevemente, porque vários assuntos urgentes lhe não permitem escrever mais por extenso. O Venerável Frei Luís de Granada, que sabia bem de sua vida, como Superior e grande amigo que era do Venerável Bartolomeu, diz-nos claramente que essas ocupações eram as necessidades das almas, a que poderíamos acrescentar a solicitude pelos pobres, ao afirmar que ele teve comunicação com algumas pessoas espirituais e praticando, algumas vezes, com elas, aperfeiçoou mais os seus conhecimentos da Teologia Mística; e, noutra passagem, afirma mais claramente que, em S. Domingos de Lisboa, D. Frei Bartolomeu "se achava inquieto com muitas ocasiões de negócios e visitas..."

<sup>3</sup> A Suma Theológica de São Tomás de Aquino, juntamente com as Sentenças de Pedro Lombardo e respectivos comentários eram as grandes referências do ensino da Filosofia e da Teologia naqueles tempos. Os Escritos Teológicos de Frei Bartolomeu dão-nos conta de "notas" pessoais colocadas à margem desses escritos, como referências para os alunos ou então textos a serem ditados.

#### **Arcebispo Primaz**

Homem notável pelas suas qualidades de espírito e de carácter, não faltou quem lembrasse à Rainha D. Catarina o nome de Frei Bartolomeu, então Prior do Convento de São Domingos de Benfica, para suceder a D. Frei Baltazar Limpo na Mitra Primacial das Espanhas. Boa e bem aceite foi a sugestão dada Por Frei Luís de Granada à Rainha. A dificuldade veio depois quando se tratou de levar D. Frei Bartolomeu a conformar-se com ela. Profundamente humilde, ele fez quanto pôde, junto da Rainha e de todos, para não ter de suportar a mitra bracarense. Só a obediência ao seu Superior o fez ceder à eleição para tão alta responsabilidade e dignidade. Obedeceu, mas a aflição foi tamanha que o fez cair gravemente doente. A cena dramática em que, diante de todos os frades do convento, Frei Luís de Granada lhe impõe, por obediência, que aceite imediatamente o Arcebispado, teve lugar no coro de S. Domingos de Lisboa, em 8 de Agosto de 1558. D. Frei Bartolomeu vergou e prostrou-se diante da obediência devida ao seu superior, aceitou o ofício como uma camisa de forças – uma "braga", dizia

ele jogando com o nome da Arquidiocese – que carregou quase até ao fim da sua vida, sendo a comoção do momento tão profunda que, em Novembro seguinte, os Jesuítas do colégio de S. Roque notificavam para Roma que o Arcebispo ainda estava "mal disposto". Esta doença e a lentidão dos negócios, própria do tempo, fizeram com que a confirmação papal só tivesse lugar em 27 de Janeiro de 1559, que a concessão do *pálio* fosse feita no consistório de 6 de Março, vindo a sagração a ter lugar, mais de um ano depois da eleição, em 3 de Setembro, na igreja de S. Domingos em Lisboa.

#### O Bom Pastor

A acção pastoral do Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires marca toda a profundeza do arrojo e virtude da sua grande alma e revela o rasgo mais característico da sua santidade. A página pastoral do Arcebispo é das mais sublimes que os heróicos anais de vinte séculos de cristianismo nos legaram. O Venerável era, antes de tudo, um pastor de almas, e todo o resto da sua vida pastoral não teve outro sentido senão o de se dar todo pelas suas ovelhas. Conhecedor das grandes necessidades da sua Igreja, imediatamente pensou em reorganizar e aperfeiçoar os estudos do Colégio de S. Paulo e, como ele escreve, voltou logo os olhos para os Padres da Companhia de Jesus como coadjutores seus na obra do Senhor. Alguns anos depois, o colégio albergava mais de mil alunos.

Para pregar a Palavra de Deus e ensinar Teologia na Sé e no Paço, levou quantos dominicanos lhe pôde dispensar o Provincial, de que são bem conhecidos os nomes, alguns ilustres, de Diogo do Rosário, Jerónimo Borges, António Pegado, Melchior de Monsanto, Diogo de Leiria, Reginaldo de Melo e João de Leiria, que foi o braço direito do Arcebispo enquanto viveu. Para socorrer mais permanentemente a cidade de Viana do Castelo, fundou nela o convento, de Santa Cruz, onde os seus irmãos de hábito seriam como que embaixadores do seu zelo e vigilância junto das almas. Canalizando para o Convento de Santa Cruz de Viana muitos dos recursos materiais e humanos do Convento de São Salvador da Torre, procurava o Arcebispo enfrentar os diversificados problemas

com que a cidade de Viana se confrontava na sua relação com o mar, o comércio marítimo, o considerável movimento de pessoas e mercadorias com todas as vantagens e perigos que isso envolve: naufrágios, pirataria, roubos, prostituição, ao lado de especiais condições de enriquecimento nem sempre lícito.

Mas Frei Bartolomeu foi sempre o primeiro a agir. Ele nunca consentiu governar o seu rebanho de longe, mas queria, como bom e solícito pastor, chamar a todas as suas ovelhas pelo próprio nome e que todas elas conhecessem a sua voz. Por isso fez sempre pessoalmente a visita pastoral da Arquidiocese de três em três e de quatro em quatro anos, quando já mais acabado, não havendo nem frios, nem chuvas, nem intempéries, nem calores estivais que lhe barrassem o caminho até das mais escarpadas penedias transmontanas, nem muito menos, as objecções dos seus colaboradores assustados com os riscos do frio e da neve e até como o facto de São Geraldo ter morrido lá para as bandas do Barroso ao pretender enfrentar o seu rigoroso inverno. Pelos vistos, desde então nunca o Arcebispo de Braga lá tinha voltado. Pois foi precisamente, no coração do inverno de 1560 que Frei Bartolomeu saiu para a visitação e, em 4 de Fevereiro, atestam os Padres Jesuítas que o Arcebispo "anda muito ocupado nas coisas do arcebispado". Em Julho seguinte, atestam de novo que ele "anda visitando".<sup>4</sup>

Numa carta ao Papa Gregório XIII, diz D. Frei Bartolomeu que passa "a maior parte do ano" visitando a sua Igreja. No fim do seu governo, quando recebe a notícia de que lhe foi aceite a resignação do Arcebispado, ainda é "andando visitando a comarca de Valença do Minho",<sup>5</sup> como o próprio Venerável atesta, que essa carta lhe chegou.

#### Pai dos Pobres

No seu paço episcopal escolheu um pequeno quarto com uma cama feita de "três tábuas mal lavradas, atravessadas sobre dois banquinhos do mesmo tipo; por cima, uma enxerga de palha e, em cima dela, um colchão de pano grosso que já trouxera do seu convento. Possuía, na mesa de cabeceira, uma pequena escudela

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Não deixa de ser deliciosa a forma bem humorada como Aquilino Ribeiro, em *Dom Frei Bertolameu*, relata uma das visitas do Arcebispo que ele transfere para a região do Gerês. É que ali ao menos ainda lhe pôde proporcionar a Abadia de Bouro para retemperar forças... até Frei Bartolomeu se lembrar de continuar viagem para desespero dos seus acompanhantes, mulas incluídas...

Mons. José de Castro coloca o Arcebispo em visita a Trásos-Montes aquando da chegada da carta de resignação ao passo que José Marques fala de Viana da Foz do Lima.

com água que deitava nos olhos para não adormecer durante o estudo ou a oração. Alimentava-se particularmente de pão, água e legumes.<sup>6</sup> À porta do paço há milhares de visitantes certos: são os seus pobres. Mas os pobres mais pobres são os que lá não vão, são os deserdados da fortuna a quem a vergonha impede de estender a mão. D. Frei Bartolomeu manda secretamente tirar informação e dar remédio. Alguns nomes destes protegidos chegaram até nós, como o da família de D. Filipa de Sá e de D. Isabel Henriques. Àquela e à sua filha Antónia, viúva, e aos demais de sua família dava, por meio dos Padres do Colégio de S. Paulo, esmola "que chegava para comer", e a Isabel Henriques, depois de "amparada em vida, deixou-lhe no testamento dez mil reis anuais para a sua sustentação". São encantadores os ditos e as cenas que se contam acerca da generosidade de Frei Bartolomeu, algumas quase anedóticas como quando os cónegos de Braga lhe queriam fazer uma estátua e ele respondeu: "Vocês são piores que o diabo que queria que Jesus transformasse pedras em pão, pois querem transformar o pão dos pobres em pedras..."

A sua misericórdia e solidariedade para com os mais miseráveis teve a suprema consagração na peste de 1570. Ao saber que a cidade estava infestada, corre a ela como quem acode a fogo. Chegam cartas de D. Sebastião e do Cardeal D. Henrique para que evite o perigo, mas nada faz retirar o Arcebispo. Ele manda aos Padres da Companhia de Jesus que não tratem directamente com os empestados, para ter, em caso de necessidade, uma reserva segura, mas o Arcebispo vai pessoalmente visitar, socorrer, consolar, animar a todos. A Frei João de Leiria dá ordens de não pagar salários a ninguém nem fazer despesa alguma que não seja dar tudo, absolutamente tudo, para deter a calamidade e socorrer os atacados de peste. O Padre Inácio de Tolosa, que assistira em Braga a tudo e donde tirámos estas notícias, termina o seu relato enviado a Roma a S. Francisco de Borja, com este comentário: "Mostrou bem o senhor Arcebispo neste tempo a santidade que Deus lhe tem comunicado, porque pedindo-lhe El-Rei e o Cardeal com instância que saísse da cidade para parte segura, nunca quis, mas, pelo contrário, ele próprio ia em pessoa, algumas vezes, consolar os

6 Procurava levar os seus acompanhantes a fazerem o mesmo, ainda que lhes tolerasse uma alimentação mais cuidada e alguma cedência aos prazeres da mesa. A não ser quando, nas visitas pastorais era acolhido para almoço por algum rico lá da terra e se punha a andar da mesa depois de petiscar algo, obrigando a comitiva esfomeada a surripiar uns rissóis ou um bifito para meter ao bolso...

enfermos e a todos provia do necessário com muita caridade e dizia ao Padre Frei João que gastasse com eles quanto tinha e que neste tempo nem pagasse pensão, nem a criado, tanto era o zelo que tinha de acudir aos pobres. Deus guarde na sua Igreja um prelado tão santo".

Em favor dos pobres, quando já velhinho e retirado no convento que tinha construído em Viana do Castelo, chegou a atirar pela janela a própria enxerga e travesseiros da sua pobre cama, passando a dormir sem conforto algum, até que os frades lhe descobriram e remediaram a necessidade. Deus não podia abandonar quem Lhe dava tudo na pessoa dos pobrezinhos, e por isso mais de uma vez se multiplicou maravilhosamente o dinheiro nas mãos do Venerável em favor dos seus protegidos.

#### Mestre de Apóstolos

Esta prodigiosa caridade de D. Frei Bartolomeu fluía do ardente amor que tinha a Deus, e do zelo pela Sua glória. Por isso, conservou muito particular solicitude pela orientação e formação do seu clero. Ao Cabido da Sé Primacial dispensava a maior consideração, apesar das dificuldades que, por vezes, surgiram, e dizia que o queria trazer sobre a sua cabeça, pois o considerava a "Suma dessa Santa Igreja e as primeiras colunas e capitéis da glória e honra de Deus". Logo que chegou a Braga, reuniu à sua sombra e no próprio Paço um grupo de rapazinhos, nomeadamente os que trouxera do Barroso para deles fazer os padres que enviaria de novo para aquelas paragens; esses meninos haveriam de constituir o primeiro núcleo do Seminário de Braga e foram as primícias dos seminaristas de toda a Cristandade.

A ideia de um clero instruído e virtuoso levou o Venerável a lutar e a defender intrepidamente, no Concílio de Trento, a fundação dos Seminários. Aos *Decretos* que arrancou ao Concílio deu imediata execução com o Seminário de S. Pedro de Braga. Ele próprio se preocupava do aproveitamento de todos, e vinha pessoalmente assistir aos exames. Aos exames de Ordens dava tanta importância que, querendo os Padre.do Colégio de S. Paulo recusar-

<sup>7</sup> Este célebre acontecimento que marca o radicalismo das atitudes de Frei Bartolomeu quando se tratava de socorrer os pobres está documentado numa lápide colocada por debaixo da referida janela do Convento de São Domingos, que dá para a actual Rua que leva o seu nome. A cela de Frei Bartolomeu é hoje uma capela a ele dedicada, nas instalações afectas aos servicos da Cúria Diocesana. Noutro caso, ainda em Braga, ofereceu às escondidas, os cortinados do seu quarto a uma senhora para ela fazer um vestido: doutra vez foi a sua batina nova que não escapou depois de o pessoal do paço lhe ter tirado a velha que ele não queria largar...

se a constituir júri para eles, por se afastarem deles por isso os eclesiásticos, o Arcebispo lhes protestou que se passariam os exames ainda que tivesse de *ir a Roma a pé* buscar poderes para que se fizessem.

Este zelo ardente do Santo Arcebispo, que se estendia a todas as necessidades da sua Igreja, arrancou a um seu contemporâneo, e ainda em sua vida, este elogio: "O Arcebispo de Braga é um homem todo de Deus, um verdadeiro israelita, ilustre pela doutrina, mas eminentíssimo pela elevação de sua vida. É um autêntico émulo dos santos Pastores da primitiva Igreja, homem integérrimo de costumes e conduta que, pondo em prática os *Decretos* do Concílio de Trento, restituiu à sua desolada diocese o esplendor dos mais gloriosos tempos".

#### **Trento**

A imortalidade para as páginas brilhantes da História da Igreja e a universal fama de santidade de que ainda em vida gozou o Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires, conquistou-as ele no Concílio de Trento. Saindo de Braga em 24 de Março de 1561, com uma marcha aceleradíssima para os meios do tempo, entrou em Trento a 18 de Maio, onde era esperado pelos Cardeais Mântua e Seripando e por dez bispos de Itália. A viagem estava estruturada em etapas marcadas pela existência de conventos dominicanos, de preferência, onde pernoitava, o mais incógnito possível. 10

Logo que chegou a Trento, o Venerável deu provas do seu saber e virtudes. O bispo de Modena, no dia seguinte à chegada "do Bracarense", comunicou ao Cardeal Morono que "a melhor novidade de Trento, por aqueles dias, fora a chegada do Arcebispo de Braga que chegara rico de dois grandes fulgores: uma grande ciência e uma vida edificantíssima". Outro tanto fizeram os Cardeais Legados para o Papa e para S. Carlos Borromeu, sobrinho e Secretário de Estado de Pio IV. Depois de uma "longa conversa" com o Bracarense, a impressão que lhes deixou foi a de um "homem modesto", "bom prelado", "feito Arcebispo pela sua doutrina e boas qualidades". Imediatamente S. Carlos Borromeu

- 8 A expressão "um verdadeiro israelita" leva-nos à passagem do Evangelho segundo São João, onde se relata o chamamento de Natanael/ Bartolomeu: "ora aí está um verdadeiro israelita em quem não há fingimento" (Jo 1, 47). Joga-se aqui com a relação entre o Arcebispo e o Apóstolo do mesmo nome, o que levaria o autor do texto do Hino a Frei Bartolomeu a escrever: "Como em Natanael da Galileia / não houve em sua vida fingimento / pregando ao povo simples, numa aldeia / ou discursando no Concílio, em Trento".
- O itinerário das diferentes viagens realizadas por Frei Bartolomeu encontra-se descrito numa espécie de diário de viagem, publicado em tradução portuguesa por ANTÓNIO DE MATOS REIS, "Itinerário de Braga a Roma, seguido por Frei Bartolomeu dos Mártires", in *Estudos Regionais*, Viana do Castelo, 1992, p. 33-68.
- 10 Por várias vezes acabou por ser identificado, sendo logo alvo das maiores deferências pela honra que sentiam em o receber, mas com notório incómodo para a humildade e presença discreta de Frei Bartolomeu. Então as peripécias com o Cardeal Lorena durante a viagem para Roma e depois já na cidade eterna por causa do lugar onde deveria ficar, entre Embaixada de Portugal ou o convento de Minerva, são do melhor que há.

responde aos Legados manifestando a alegria do Papa e sua, e prometendo grande benevolência de ambos para com o Arcebispo de Braga, o primeiro de além-Alpes que chegara a Trento.

Durante todo o Concílio, onde apresentou 268 "petições" ou propostas, <sup>11</sup> o prestígio de D. Frei Bartolomeu e a veneração de suas virtudes acrescentaram-se cada vez mais. O zelo do Arcebispo elevou-o a primeiríssimo plano entre os Padres do Concílio e a sinceridade e franqueza das suas intervenções conquistaram-lhe universal respeito e veneração pelo seu parecer, nomeadamente pelo facto de "dizer muito em poucas palavras". <sup>12</sup> Nos problemas mais delicados e difíceis, a opinião do Arcebispo de Braga representava frequentemente uma viragem do Concílio. Dezenas de Arcebispos e Bispos resumiam o seu voto dizendo: "sou da opinião do Bracarense"... Ao nível da "política de alianças" fazia um pouco como São Paulo com fariseus e saduceus no tribunal de Cesareia (Act 23, 6). <sup>13</sup>

As suas propostas para a elaboração dos Decretos de reforma disciplinar constituem um verdadeiro e completo programa de vida sacerdotal e eclesiástica ideais. De um desses votos escreve João Strozio que foi o melhor que ouviu em todo o Concílio. Mas as invectivas de D. Frei Bartolomeu eram ditas com tanto zelo e piedade que, mesmo os que se podiam melindrar com elas, nunca deixaram de considerá-lo um homem de eminente virtude. O Arcebispo de Zarad, aludindo a uma fogosa intervenção do Venerável, escreve que ele "falou por muito tempo e sempre com gravíssima força de piedade, como homem douto e religiosíssimo Prelado". Outras vezes chamam-lhe "homem douto e de santíssima vida". Nas Actas do Concílio de Trento aparecem ainda para ele as expressões de "homem verdadeiramente santíssimo e inflamado em zelo", e esta atitude do Venerável era tão constante, que as Actas não se esquecem de fazer notar que o Bracarense "falou com muita piedade e zelo, como costuma fazer sempre", e ainda, que tal outra intervenção foi feita com o seu "costumado zelo e piedade". O crédito destas qualidades e virtudes subiu tanto em todo o Concílio que, desejando o Venerável visitar Roma, os Legados opuseram-se quanto puderam e, finalmente, escreveram, ao Papa expondo as

- Os temas apresentados por Frei Bartolomeu prendiam-se com questões variadas, desde a residência dos Bispos nas dioceses ou a eleição do Papa, ao sacramento da Ordem ou à questão candente da comunhão sobre as duas espécies.
- <sup>12</sup> A não ser quando se tratou de defender o primado de Braga sobre as dioceses de Portugal e Espanha porque ai, ao que se diz, nunca mais se calava...
- 13 Quem quiser saber como e em que medida Frei Bartolomeu trabalhou em Trento assim numa perspectiva séria, deve ler os estudos de Mons. José de Castro, Portugueses no Concílio de Trento, ou então o resumo na sua obra já citada, D. Frei Bartolomeu dos Mártires: quem o quiser saber assim de uma forma mais divertida, leia o livro de Aquilino Ribeiro. Não sendo certo que tenha defendido a dispensa do celibato para os pobres padres do Barroso - "Saltem barrosani" (ao menos para os do Barroso) - mais consistente é a afirmação de que "os Eminentíssimos Cardeais precisam de uma eminentíssima reforma".

dificuldades que tinham em o deixar partir porque, diziam, "partindo prelados da sua qualidade... parecerá uma espécie de dissolução do Concílio".<sup>14</sup>

A esta carta dos Legados respondeu de Roma S. Carlos Borromeu que "o Arcebispo de Braga, vindo a Roma, será o bemvindo", protestando ao mesmo tempo a benevolência do Papa e ai sua própria para com ele. No dia 18 de Setembro de 1563, parte para Roma, e o Cardeal Paleotto, notificando-o nas Actas do Concílio, aproveita a oportunidade para lhe chamar "homem de grande santidade e religiosidade".

#### <sup>14</sup> Consta que quando perguntaram ao grande historiador da Igreja e especialista no Concílio de Trento, Hubert Jedin quem teria sido o maior entre os Padres de Trento, respondeu sem hesitação: "O Bracaren-

#### Aos pés de S. Pedro

A fama da virtude e saber do Arcebispo de Braga precederamno de muito em Roma. O seu nome estava já ligado ao santo zelo
que inspirava todas as suas acções, e isto era bem conhecido do
Papa Pio IV e do seu sobrinho, S. Carlos Borromeu. Só assim se
explica que, tendo ido D. Frei Bartolomeu a Roma, numa romagem
de piedade, a visitar os lugares santificados pelos Príncipes dos
Apóstolos, tenha sido chamado a tratar tantos assuntos com o Papa
no curto espaço dos 17 dias que permaneceu na Cidade Eterna. A
frequência dos encontros era tal que o nosso Arcebispo estava
convidado a tomar as refeições com o próprio Papa, o que ele
aceitou por algumas vezes, não sem aproveitar para censurar o
Pontífice por usar baixelas de prata. Lá lhe conseguiu impingir
umas porcelanas da China das que se usavam em Portugal... bem
mais baratas, dizia ele, embora se pudessem quebrar com mais
facilidade.

É o próprio Venerável, quando voltar a Trento, quem apoiará depois as suas opiniões sobre a reforma, com o fundamento de que falou muitas vezes destes Decretos com o Papa quando estiveram em Roma, acrescentando que, por vezes, exortara o próprio Papa para que a reforma se fizesse em profundidade e em todos os sectores da vida da Igreja. O Papa ouvia complacente- mente o Arcebispo<sup>15</sup> e depositou neste homem sábio e santo uma confiança completa, abrindo-lhe plenamente o seu espírito. A tal ponto foi

<sup>15</sup> Este "complacentemente" faz lembrar o rei Herodes que também escutava com prazer o João Baptista, mas em pouco seguia os seus conselhos. E o resultado é o que se sabe. É que o Papa Pio IV, quando se tratava de seguir as ideias de Bartolomeu dos Mártires era um pouco como Herodes perante João Baptista ou os atenienses depois do discurso do São Paulo no Areópago: "Havemos de ouvir-te outra vez!..."

assim que, depois do discurso de D. Frei Bartolomeu ao Concílio, sobre os planos e intenções do Pontífice em matéria de reforma, o Cardeal de Lorena, que estivera em Roma na mesma altura, por negócios conciliares, apoia-se na exposição do Venerável para apontar ao Concilio as directrizes do Papa. "De tudo isto, conclui o Cardeal na sua exposição, é testemunha o Bracarense, que patenteou ao Concílio o parecer do Santo Padre". A benevolência do Papa para com D. Frei Bartolomeu foi ao ponto de lhe chegar a oferecer um dos seus anéis e a Águia, uma das melhores mulas da sua cavalariça, a fim de fazer a viagem de regresso a Trento ao nível da concorrência dos cavalos do Cardeal Lorena. E foi esta a mula que o trouxe até Braga.

Cinco dias depois de regressar a Trento, D. Frei Bartolomeu escreveu a Pio IV uma carta cheia de gratidão pelas "bênçãos e dons de que fora cumulado" e pedindo desculpa da "audácia" a que se atrevia "ao ver n'Ele tantos sinais de amor e benevolência". Nesta mesma carta comunica ao Papa as intrigas que se teciam em França para frustrar os resultados do Concílio. O Papa ficou gratíssimo, e mandou a S. Carlos que enviasse essa carta aos Cardeais presidentes do Concílio "para que pudessem considera-la", acrescentando S. Carlos que, se bem escreve a D. Fr. Bartolomeu da parte do Papa, lhes manda que também eles lhe agradeçam a "solicitude e zelo que mostra" e o "animem a continuar". Mas toda a estima que o Arcebispo conquistara de Pio IV, foi o próprio Papa quem a patenteou ao nosso Cardeal D. Henrique que recomendara na corte romana uns negócios da Igreja Bracarense: "ele provou-nos no Concilio, escreve o Papa, tamanha probidade, religiosidade e devoção, que ficámos com uma tão favorável opinião de tal Prelado, que nenhumas contendas no-la podem imutar". Mais tarde, o Papa S. Pio V, que também conhecera o Venerável em Roma, numa carta a D. Sebastião, diz que "pela sua exímia santidade todos o deviam amar e reverenciar".

#### O encontro de dois Santos

Falava o Venerável Bartolomeu com Pio IV de assuntos da Reforma, quando entrou S. Carlos. O Papa toma o sobrinho Cardeal pela mão e entrega-o ao Arcebispo dizendo: "aqui vo-lo entrego; este há-de ser o primeiro que me haveis de reformar". Há quem veja nestas palavras do Papa uma boa ironia; 16 outros preferem tê-las por proféticas; nós simplesmente as consideramos uma fidelíssima expressão do que sucedeu.

Paschini põe na boca de Pio IV esta outra afirmação dirigida a D. Frei Bartolomeu: "meu sobrinho encontrou na vossa pessoa um homem segundo o seu coração". Realmente dois corações foram estes que nunca mais se separaram. A grande amizade que os uniu naqueles breves 17 dias, passados em Roma por D. Frei Bartolomeu, acrisolou-se sempre mais e mais. O programa de vida de S. Carlos será para sempre um livrito que o Venerável Bartolomeu levava escrito de sua mão, o *Stimuius Pastorum*<sup>17</sup> de que mandou fazer uma cópia que ofereceu ao jovem Cardeal.

S. Carlos foi um discípulo de D. Frei Bartolomeu não só de facto, mas de uma maneira expressa e consciente. Numa carta de 1565, diz-lhe que o tomara por modelo de sua vida: "tenho-vos continuamente diante dos meus olhos, e tomei como modelo da minha a vossa vida, virtuosa e louvável sob todos os aspectos». Boa prova da sinceridade destas palavras é a nova conduta de S. Carlos depois do seu encontro com o Arcebispo de Braga. Num só dia despediu oitenta dos seus criados; aos que ficaram não permitiu mais que se vestissem de seda; ele próprio começou a jejuar a pão e água, um dia por semana. Para poder cumprir convenientemente os deveres principais de Pastor, começou a exercitar-se na pregação e a aprofundar a Teologia, sob a orientação do Dominicano Frei Francisco Foreiro, recomendado por D. Frei Bartolomeu em carta de 15 de Dezembro de 1563.

Os dois Santos consultavam-se mutuamente sobre os problemas das suas igrejas. S. Carlos, mandando as *Actas dos Sínodos Provinciais*, declara ao Venerável Bartolomeu que o faz para que lhe dê sobre eles o "seu parecer e correcção". À carta em

16 Ironia porque, nada apostado em mudar de vida, e consciente da incapacidade da maioria dos Cardeais em deixarem a sua vida dissoluta, Pio IV aponta, para começar, o Cardeal Carlos Borromeu, um dos poucos que ainda se aproveitavam, no meio da degradação geral, como objecto da "eminentíssima reforma dos Cardeais"... Proféticas porque, efectivamente, o Cardeal Carlos Borromeu "derradeira expressão do ideal católico dentro do Vaticano", (JOSÉ CALDAS, Frei Bartolomeu dos Mártires, p. 364), tornou-se num grande Arcebispo, um grande reformador na sua Diocese de Milão, um confidente de Frei Bartolomeu e um Santo pouco depois canonizado.

17 Destinado apenas a ser uma espécie de manual para uso pessoal, com base em citações dos escritos de grandes Padres – São Bernardo, São Gregório Magno, Santo Agostinho, São João Crisóstomo – o Estímulo de Pastores acabou por ser publicado a instâncias de Frei Luís de Granada depois de lido em cópia pelo próprio Carlos Borromeu.

que Venerável comunica ao Santo Cardeal que a resignação da Igreja Bracarense lhe fora, finalmente, aceite pelo Papa e que já se encontra retirado no seu Convento de Santa Cruz de Viana do Castelo, responde S. Carlos que a leu "com uma secreta inveja", e acaba pedindo-lhe as suas orações, porque "quanto mais seguro navegais junto ao porto da salvação – escreve S. Carlos – tanto mais ardentemente espero que rogareis por mim a Jesus Cristo".

#### Arcebispo Santo

Retirado para o Convento de Viana, depois de aceite pelo Papa Gregório XIII o seu pedido de resignação, D. Frei Bartolomeu deu expansão à sua ardente caridade para com os pobrezinhos, que já o consideravam um "santo" e recorriam a ele confiados no seu poder junto de Deus. O seu "Arcebispo Santo", aquele que, velhinho, saía ainda a catequizar as verdejantes ribeiras do Lima mesmo cá da terra era já o seu patrono do céu. Corria voz que nas suas mãos se multiplicavam milagrosamente as moedas para lhes acudir; ao sinal da cruz traçado pela sua mão abençoada, sobre os vagalhões que subiam do mar encapelado pela barra do Lima, amainava a tempestade; ao contacto da estamenha dos seus hábitos, cediam as moléstias mais rebeldes, destruidoras de corpos e atormentadoras de almas. Frei Luís de Granada, que escrevia em vida do Santo Arcebispo estas maravilhas, desafia os cépticos a irem a Viana tirar suas dúvidas à vista dos miraculados.

Poucas vezes na vida de um Servo de Deus a santidade foi tão unânime e manifestamente proclamada por toda a parte e por todas as classes sociais como o foi na vida do Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Todos os que trataram com o Arcebispo, pobres e ricos, humildes e magnatas, príncipes e Papas, não calaram a viva impressão de santidade que irradiava da sua pessoa. Os Jesuítas de Braga referem-se a esta opinião geral de santidade quando dizem que ele é um "prelado de mui conhecida santidade e doutrina" e, no momento da morte de D. Frei Bartolomeu, contando como o Reitor do Colégio de S. Paulo acompanhou a Viana o

Arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus, para assistir ao transe do Venerável, tecem-lhe espontaneamente este sentido elogio: "Este é aquele Bartolomeu, homem sapientíssimo, santo e austero a quem nem a aspereza das regiões transmontanas, nem rigores alguns de frio ou calor ou outra qualquer intempérie puderam deter o passo para cumprir por si próprio todos os deveres de um óptimo pastor e de iluminar vigilantissimamente a sua Diocese. Retirando-se ao seu Convento de Viana, aí, por causa da sua admirável virtude, conquistou em todos suma veneração... e mereceu o cognome de Santo, de tal sorte que o seu cadáver teve de ser vigiado com força armada para não ser furtado para Braga às escondidas dos vianenses, como se pretendia".

Aquele corpo do Arcebispo que a alma abandonara no dia 16 de Julho de 1590, ficou insepulto durante três dias para poder receber o último preito de gratidão e uma escaldante lágrima de profunda saudade de um povo que sinceramente o venerava e amava. À hora da sua morte, quando as grandezas humanas se medem pelo padrão dos valores eternos, a consideração da santidade do Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires sobrepujou tudo o mais, e ficou gravado no coração do seu povo e escrito nele com indelével tinta de lágrimas o seu nome de "ARCEBISPO SANTO". 18

#### Nas sendas da glória

"Voz do povo, voz de Deus". O Arcebispo de Braga era, de facto, uma alma santa. Fizeram-se os processos em ordem à Beatificação e Canonização do Servo de Deus, coroados com pleno êxito pelo *Decreto* da Sagrada Congregação dos Ritos, de 23 de Março de 1845, declarando "constar de tal modo a existência das virtudes Teologais e Cardeais e suas anexas em grau heróico do Venerável Servo de Deus Bartolomeu dos Mártires, da Ordem dos Pregadores, que foi Arcebispo de Braga, que com toda a segurança se pode proceder aos assuntos ulteriores, isto é, à discussão simplesmente dos quatro milagres".

D. Frei Bartolomeu faz parte de uma galeria numerosa de

18 Foi sepultado na Igreja do Convento em Viana, em campa rasa, do lado direito do altar-mor; no entanto uma persistente gota de água que caía daquele lado levou a que se decidissem a mudar a sepultura para o lado esquerdo, em 1609, local onde um mausoléu condigno o guarda actualmente. Esta sepultura foi alvo de algumas violações, em 1702 e 1847, e aberta oficialmente algumas vezes também: 1877 e 1929. A última delas foi precisamente no dia 23 de Abril do ano de 2014, na presença dos bispos das quatro dioceses que o Beato pastoreou, consultores diocesanos de Viana do Castelo e alguns convidados, autoridades sanitárias, os quais puderam fazer o reconhecimento das ossadas. Feito um momento de oração presidido pelo Bispo de Viana do Castelo, procedeu-se à extracção de algumas relíquias destinadas às dioceses de Braga, Vila Real e Bragança-Miranda e entregues aos respectivos Bispos presentes, e ainda para o relicário que faria a peregrinação por todas as paróquias da Diocese de Viana do Castelo. Neste caso um osso do braço direito, "aquele com que o Bemaventurado Bartolomeu dos Mártires muito terá abençoado o povo das nossas dioceses" no dizer do Bispo de Viana do Castelo, Dom Anacleto Oliveira. Do evento foi lavrada uma Acta pelo Chanceler da Cúria Diocesana e que foi assinada pelos presentes.

grandes Santos que viveram no seu tempo, ligando-se a muitos com laços de amizade: S. Pio V, S. Carlos Borromeu, S. Roberto Belarmino, Santo Inácio de Loyola, S. Francisco Xavier, S. Francisco de Borja, São Filipe Neri, S. João da Cruz, Santa Teresa de Jesus, Beato Inácio de Azevedo e tantos outros; são nomes que brilham no firmamento da Igreja e glorificam as pátrias que lhes serviram de berço. Em poucos ou nenhum destes a santidade foi tão altamente proclamada como no Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires.

No século dos Santos, Portugal tem também o seu grande santo naquele que foi Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas. Alguém chamou, com felicidade, à causa da Beatificação e Canonização do Venerável D. Frei Bartolomeu dos Mártires uma causa nacional. Deus quer a Sua própria glória e a dos Seus Servos e também a glória das nações e dos povos e, por isso, nós podemos pedir a Deus a glorificação de D. Frei Bartolomeu nos mesmos termos com que o nosso Rei D. João V a pedia ao Papa: "Se outras vezes instigado da devoção e do desejo da glória dos Santos e edificação dos fiéis interpus as minhas instâncias em causas de beatificação de alguns servos de Deus, agora sobre aqueles motivos concorre para empenhar-me na do Venerável Arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires, o crédito que espera conseguir este Reino de que chegue a venerar nos altares hum filho seu tão benemérito".





## [ EPÍLOGO ]

#### O Bem-Aventurado Bartolomeu dos Mártires

Apesar da descrença de uns, da desconfiança de outros e da falta de vontade de muitos mais, relativamente à possibilidade da beatificação de Frei Bartolomeu dos Mártires, até pelo facto de ter passado tanto tempo após a sua morte e de ele ter perdido o comboio da beatificação ou da canonização em que seguiram tantos dos seus contemporâneos e amigos, a novidade e surpresa haveria de chegar. Então, aquilo que para o autor deste apaixonado Opúsculo que acabamos de apresentar – Frei Raúl de Almeida Rolo, da Ordem dos Pregadores, e notável estudioso da vida e obra de Frei Bartolomeu dos Mártires – era afinal ainda um sonho, tornouse realidade no dia 4 de Novembro de 2011, dia litúrgico de São Carlos Borromeu, quando o Papa João Paulo II, Carlos pelo seu baptismo, oferecia ao santo onomástico, a prenda de aniversário da beatificação do seu grande amigo Bartolomeu dos Mártires, depois de, a 7 de Julho do mesmo ano, ter reconhecido o milagre proposto para a sua Beatificação. De facto, na breve alocução do Angelus, que se seguiu às celebrações da Beatificação, João Paulo II teve ocasião de proferir uma saudação aos portugueses presentes, com a surpresa destas tocantes palavras: "Neste momento do Angelus, desejo recordar São Carlos Borromeu, cuja memória ocorre hoje. Ao meu celeste protector, ofereço a homenagem da beatificação do seu íntimo amigo e confidente, Bartolomeu dos Mártires. Aproveito para saudar e agradecer a representação de Portugal nesta cerimónia que viu honrado um dos seus maiores Pastores".

Na homilia proferida na celebração, a respeito do Beato Bartolomeu dos Mártires, disse o Papa João Paulo II: "O Beato Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga, dedicou-se, com suma vigilância e zelo apostólico, à salvaguarda e renovação da Igreja nas suas pedras vivas, sem desprezar os andaimes provisórios que são as pedras mortas. Daquelas pedras vivas, privilegiou as que tinham pouco ou nada para viver. Tirou à boca, para dar aos pobres. Censurado pela pobre figura que fazia com o pouco que lhe restava, respondeu: 'Nunca me verão tão desatinado a gastar, com ociosos, aquilo com que posso dar vida a muitos pobres'. Sendo a ignorância religiosa a maior das pobrezas, o Arcebispo tudo fez para lhe pôr remédio, começando pela reforma moral e elevação cultural do clero, 'porque manifesto está escrevia ele que, se o vosso zelo correspondesse ao ofício, (...) não andariam as ovelhas de Cristo tão fora do caminho do Céu'''. Com o seu saber, exemplo e desassombro apostólico, comoveu e incendiou os ânimos dos Padres Conciliares de Trento para que se procedesse à necessária reforma da Igreja, que depois se empenhou a realizar com perseverante e invicta coragem''.

Na mesma celebração, a terceira invocação da *Oração Universal*, proferida em Português, dizia: "O Bispo Frei Bartolomeu dos Mártires e o presbítero Paulo Mana [outro dos oito beatificados na mesma cerimónia] estão unidos pela mesma solicitude em anunciar o Evangelho a todos os homens. Rezemos por todos aqueles que, nos confins do mundo, na periferia das grandes metrópoles e da sociedade moderna, anunciam o Evangelho testemunhando heroicamente a predilecção de Deus pelos pobres, para que jamais lhes falte o apoio de toda a Igreja".

#### E, como escrevera Frei Raúl, "que nos falta agora"?

O reduzido impacto que o acontecimento e a celebração da beatificação de Frei Bartolomeu encontraram por parte dos responsáveis religiosos e mais ainda do povo deste país e mesmo das nossas dioceses, não augurava grandes desenvolvimentos. A insensibilidade e a indiferença em que nos encontramos actualmente, cujos resultados estão à vista de todos, não deixam de dar alguma razão aos então detractores da "causa" da beatificação. Falta, por isso, nas palavras de Frei Raúl, "que Portugal continue de joelhos e, apoiado nos retumbantes milagres feitos em vida e nas graças agora dispensadas por Deus aos devotos do Seu Servo,

<sup>19</sup> Mesmo reconhecendo que Bartolomeu dos Mártires foi "um santo que viveu e morreu fora da compreensão da sua época, e não um sábio como muitos dos seus panegiristas insistem que ele fosse", (JOSÉ CALDAS, Frei Bartolomeu dos Mártires, Profana Verba, Coimbra Editora, Coimbra, 1922, p. 363). Face à requerida existência de quatro milagres para a beatificação, por parte da Sagrada Congregação, nos termos do Decreto de 1845. escrevia José Caldas: "... e como até hoje tal número de prodígios se não haja produzido (...) a causa está suspensa e cremos suspensa ficará através dos séculos, visto que nem a índole dos tempos em que vivemos, nem a fé ainda a mais viva dos fiéis permitem já agora que tais maravilhas contra a ordem natural das coisas se produzam em termos de merecerem crédito" (idem. p 77).

levante o coração ao alto até que venham, da munificência divina, pelas mãos do Bem-Aventurado, os milagres necessários para a sua canonização". Resta-nos, por isso, hoje, elevar ao céu as nossas orações e sobretudo dar ao culto e à veneração do Bem-Aventurado Bartolomeu dos Mártires aquela dimensão que o tornem verdadeiramente presente na vida da Igreja, das nossas Dioceses e no coração do Povo de Deus, de modo a que tenhamos em breve a graça da sua canonização.





500
ANOS 1514/2014
NASCIMENTO
BEATO BARTOLOMEU
DOS MÁRTIRES

ANO JUBILAR
DE 03 DE MAIO DE 2014
A 18 DE JULHO DE 2015





